

## Do Portugal medieval à Primeira Idade Global: rumos da devoção a Santo António de Lisboa

Paula Almeida Mendes  
(CITCEM – Universidade do Porto)

«En raison même, semble-t-il, de sa popularité, parmi les masses et de sa vogue inouïe comme “thaumaturge”, Saint Antoine a été fort peu étudié, jusqu’ici, au point de vue vraiment ‘historique’. Au Moyen Âge, on s’est préoccupé surtout, avec ardeur, d’enregistrer ses ‘mirabilia’ posthumes, sans se mettre beaucoup en peine de recueillir les faits authentiques de sa vie» (Kerval 1904, V). É com estas palavras que Léon de Kerval inaugura o «Prefácio» à obra *Sancti Antonii de Padua. Vitae Duae quarum altera hucusque inedita*, que seria complementada por uma ampla bibliografia, científica ou não, da responsabilidade de autores como Maria Cândida Pacheco (1986; 1996, 175-186), Francisco da Gama Caeiro (1981, 3-29; 1995) ou António Domingues de Sousa Costa (1982), que, cada um a seu modo, foram chamando a atenção para a importância de que se revestia a dimensão dos milagres, na moldura da cristalização da *fama sanctitatis* de Santo António, nascido em 15 de Agosto de 1195, em Lisboa, e batizado com o nome de Fernando Martins de Bulhões. De resto, é bem sabido como, após a sua morte, a 13 de Junho de 1231, o bispo de Pádua, por mandado de Gregório IX, procedeu a um rigoroso inquérito, relativo aos milagres operados por intercessão de António, assim como a *Legenda Rigaldina*<sup>1</sup> e, muito especialmente, o *Liber Miraculorum* – na esteira da *Vita Prima* (1981), sobretudo da sua segunda parte -, muito investiram na divulgação de um discurso de tónica panegírica e laudatória que tendia a coagular a excepcionalidade de Santo António neste domínio do «maravilhoso». Esta modalidade de registo hagiográfico – que, de resto, era comum entre as ordens mendicantes, nomeadamente entre os dominicanos –, configurada pela aceitação da austeridade e do *contemptus mundi*, concretiza-se em um quadro largamente pautado pela centralidade dos milagres (operados em vida e *post mortem*) no processo de percepção e construção da «santidade»<sup>2</sup>. Os autores dos tempos que se seguiram ao Renascimento não se desviaram muito desta matriz, acrescentando e interpolando, não raras vezes, episódios e *topoi* que se inscrevem no domínio do maravilhoso... Como tentaremos mostrar, apesar dos sopros de renovação que o género hagiográfico foi recebendo, desde o século XVI, direcionados para uma investigação rigorosa das fontes, no sentido de conferir aos relatos uma maior historicidade – lembremos, a título de exemplo, as críticas a muitos dos relatos divulgados pela *Legenda Aurea*, feitas sobretudo por Lutero e pelos reformados -, para a qual já havia chamado a atenção Erasmo (Cavallotto 2009, 17-64), e de que é claro exemplo o contributo dado, posteriormente, pelos bolandistas (Gordini 1991, 49-73) e os beneditinos de Saint-Maur – sem esquecer, naturalmente, as perspectivas de Georg Witzel, Luigi Lippomano (Gajano 1990, 111-130), Lourenço Surius (Martinelli 1990, 445-464) e Heribert Rosweyde – a maior parte dos hagiógrafos não descurava elementos que se inscreviam

<sup>1</sup> Terá sido redigida entre 1298-1317 por Jean Rigauld (O.F.M.).

<sup>2</sup> Vauchez 1991. 161-172. De acordo com o mesmo Autor, «la sainteté des Mendians constitue dès l’origine une réalité cohérente et profondément originale, au sein de laquelle viennent se fondre la rigueur ascétique des ermites, la fidélité monastique à la règle, et l’esprit apostolique, manifeste par la prédication évangélique» (Vauchez 1988: 397).

na moldura do «maravilhoso», porque sabiam ir ao encontro do gosto e do entretenimento dos leitores... Deste modo, como bem realçou Léon de Kerval, os Bolandistas «eux-mêmes, dans les pages qu'ils ont consacrés à notre saint, ont surtout envisagé ce qui concerne son culte et les faveurs merveilleuses octroyées à ses dévots» (Kerval 1904, V). De facto, esta dimensão marcada pelo «maravilhoso» revestiu-se de uma importância fundamental na construção e coagulação muito especialmente das *legendae* antonianas, exemplarmente estudadas por Léon de Kerval em *L'évolution et le développement du merveilleux dans les legendes de Saint Antoine de Padoue* (1906). Em todo o caso, haverá que não perder de vista que o domínio do «maravilhoso» se foi configurando como uma dimensão institucionalizada pela hagiografia, sobretudo a partir da Idade Média. É bem sabido como a falta de historicidade foi apontada como um dos principais problemas de que enfermavam as *Vitae* medievais. Ainda que possam ser omitidas ou readaptadas certas etapas da vida do «santo», Régis Boyer defende que a composição de *Vitae* medievais obedece a um esquema imutável, que contempla os seguintes aspectos: as origens do santo (que pertence, na maior parte dos casos, a uma família nobre); o seu nascimento (que, geralmente, ocorre em circunstâncias extraordinárias); a infância (etapa em que o santo começa a revelar o seu carácter excepcional e uma precoce sabedoria e prudência); a educação; a piedade; o martírio ou, no caso de santos não mártires, a acção pastoral ou a vida ascética; a *inventio*; a *translatio*; e os milagres<sup>3</sup>. Como defende o mesmo autor, em cada caso, os propósitos revestem-se de mais importância que os aspectos biográficos *strictu sensu* (Boyer 1981, 33). Com efeito, estes textos funcionavam como riquíssimos veículos para a difusão e fomentação de concepções teológicas, modelos de comportamento<sup>4</sup>, valores e padrões morais<sup>5</sup>.

Em todo o caso, se é verdade que a dimensão dos milagres se revelou preponderante na solidificação da fama de santidade de Santo António, largamente divulgada – e amplificada – através das suas várias «Vidas», não será despidendo evocar outros aspectos destacado na hagiografia antoniana. Um deles diz, justamente, respeito à larga difusão que a devoção polarizada em torno dos Mártires de Marrocos conhece em Portugal, muito especialmente em Coimbra<sup>6</sup>, e ao relato da sua morte, cuja leitura leva Fernando de Bulhões a almejar a palma do martírio (*Vita Prima ou Assidua*), provando como o mártir continuava a constituir o «Modelo» de santidade por excelência, na medida em que, ao dar a vida em prol da sua fé, imitava plenamente Cristo (Barcellona 1994, 9-18); o outro, prende-se, sobretudo, com a «vocaçào franciscana» de Fernando Martins de Bulhões (Costa 1982, 154-180), norteada pelo desejo de imitar o alto exemplo de São Francisco, e presente na atitude de abnegação de tantos jovens cultos e não raras vezes abastados, oriundos especialmente de meios urbanos, primeiro em Itália e depois por toda a Europa, que almejavam um itinerário de vida espiritual «rígido» (Barbero 1991). Nesta moldura, não será despidendo evocar

<sup>3</sup> Boyer 1981: 32. Veja-se também Boureau 1993.

<sup>4</sup> Sobre os propósitos da literatura hagiográfica, veja-se Aigrain 2000: 235-246; Dubois; Lemaitre 1993. 74.

<sup>5</sup> Veja-se, por sua vez, a posição defendida por Uytfanghe 1984: 487: «L'essentiel (...) c'est que l'hagiographie montrait "à sa manière" et "à travers des personnages admirés et vénérés par le peuple" (ce qui existe dans toutes les civilisations), l'expérience tangiblement renouvelée dans la Bible – son grand avantage résidait dans la possibilité d'assimiler "à la fois" l'Écriture et l' "après-Écriture", y compris le contemporain».

<sup>6</sup> Krus 1984: 21-42. Cf. também Coelho 1996: 179-205.

também a sua faceta de pregador, declinada em textos e espaços, que vão de Assis, Pádua e Roma até Arles, Toulouse e Montpellier (Caeiro 1995; Pacheco 1997, 11-68; Meirinhos 1997, 139-182).

As várias *Vitae* de Santo António, que vão sendo amplificadas, reformuladas ou reactualizadas, permitem, deste modo, a coagulação da memória de santidade deste franciscano, calibrando uma moldura devocional que será complementada através da iconografia e da estatuária (Azevedo 2010, 41-55), que vão «fixando» um registo visual tributário das representações de outros santos. Nesse sentido, vai-se cristalizando uma imagem de Santo António em que se destacam atributos já comuns a outros santos, de que pode ser exemplo o bordão, que acompanhava a representação iconográfica de Santo Antão, ou o ramo de açucenas, associado a São Bernardino de Siena, canonizado em 1450.

Como já realçou Cristina Sobral, também «a cronística medieval portuguesa acolheu, integrou e reelaborou narrativas hagiográficas, constituindo-se em veículo privilegiado de conhecimento sobre os santos»<sup>7</sup>, assim como a sermonária acabou por potenciar também a difusão de aspectos relacionados com a figura de Santo António (Sobral 2007; Caeiro 1995, 329, 342; Nascimento 2003, 505; Marques 1997, 183-210), de que são exemplo dois sermões dedicados por Fr. Paio de Coimbra ao religioso franciscano, onde encontramos citações *da Vita Prima* antoniana, mostrando, deste modo, que o texto circularia já em Portugal antes de 1250 (Sobral 2007, 5).

A mesma autora chamou já a atenção para a «remodelação» que o retrato de S. António sofre na tradução que Paulo de Portalegre inclui no seu *Memorial* (Sobral 2007, 11-12), assim como para o facto de o tradutor português do *Flos Sanctorum* de 1513 não descurar a inclusão de dados «hagiografizantes» sobre o santo (Sobral 2001-2002, 531-568).

De igual modo, no domínio da historiografia religiosa de Quinhentos, a memória de Santo António volta a ser evocada, cristalizando, assim, um discurso que almeja a sua fixação, mostrando como esta ordem religiosa, à semelhança das suas congéneres, investiu na promoção dos «seus santos», materializando, assim, uma estratégia que visava a afirmação do seu prestígio e de uma legitimidade específica. Como já acentuou Zulmira Santos (2009, 249-261), a visibilidade das várias ordens e congregações religiosas tendia a apoiar-se na «santidade» dos seus membros, como, de resto, nos dão conta as «Vidas» modelares que as suas crónicas, muito compreensivelmente, integram. Disso é exemplo o «Livro Quinto» da *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos Frades Menores* (1557) de Fr. Marcos de Lisboa (1557, 142 r-159 v), dedicado à exaltação da figura de Santo António.

Em todo o caso, haverá que sublinhar que, na Europa, grassava uma quase completa ignorância no que dizia respeito à pátria de Santo António... Com efeito, devido ao facto de o santo ter vivido grande parte da sua vida em Itália e de aí ter falecido e ter sido sepultado, cria-se que aquela fosse o seu berço. E se é verdade que esta realidade se prolongará até cerca do século XVII, haverá que ter em conta que, a partir do século XVI, se foram produzindo e difundindo várias obras que, progressivamente, permitiram e insistiram em uma revalorização da figura de Santo António. Assim sendo, será importante não perder de vista que, por esses anos, em Portugal, foram editadas obras, que enfileiram em tipologias textuais várias – e que vão

---

<sup>7</sup> Sobral 2005: 97-197; Sobral 2007: 1-18.

desde Histórias «generalistas», Histórias eclesiásticas, até Breviários diocesanos (Gaiffier 1942, 131-138; Rosa 2000, 338) e Histórias urbanas/locais, que, com maior ou menor ênfase, investiam, entre aspectos de natureza diversa, na exaltação dos «santos nacionais», colocados «ao serviço» da sacralização e do enobrecimento do território e, em alguns casos, de algumas regiões ou cidades. De um modo geral, estes textos procuravam, cada um a seu modo, mostrar o contraste entre Portugal e os outros reinos europeus, sublinhando e insistindo, sobretudo, na sua defesa da fé católica que lhe asseguraria um estatuto «especial», enquanto *Respublica christiana* (Silva & Hespanha 1993, 20; Franco 2012, 38-39; Mendonça 2009, 61-82). E é, justamente, neste veio literário que iremos encontrar várias referências a Santo António.

Neste sentido, lembremos Pedro de Mariz que, nos seus *Dialogos de varia historia* (a primeira edição saiu em 1594), pauta o discurso com várias referências aos «santos» portugueses, entre os quais inclui, muito naturalmente, Santo António<sup>8</sup>, ou Duarte Nunes do Leão que, na *Descrição do Reino de Portugal* (1610)<sup>9</sup>, dedica vários capítulos aos «sanctos que houve em Portugal que nasceram no mesmo reino» (Leão 2002, 211-272), onde inclui, muito naturalmente, o caso do religioso franciscano (Leão 2002, 214). Por sua vez, em 1631, António de Sousa de Macedo dá à estampa as suas *Flores de España, excelencias de Portugal. Em que brevemente se trata lo mejor de sus historias, y se descubren muchas cosas nuevas de prouecho, y curiosidad. Primera parte*, impressa em Lisboa, por Jorge Rodrigues. É bem sabido que esta obra surge em um contexto político bastante complexo, na medida em que se agudizaram alguns conflitos, na sequência da governação do conde-duque de Olivares e, tendo em conta esta moldura, não nos deve causar estranheza que o autor invista na exaltação da identidade portuguesa, que se destacava pelas suas «excelências»: neste sentido, além dos vários capítulos dedicados à geografia física e humana do reino de Portugal, António de Sousa de Macedo valoriza, muito naturalmente, a grandeza e a abundância de santos portugueses, entre os quais inclui, naturalmente, Santo António (Macedo 1631, 67 v; 89 r).

Por seu lado, Damião de Góis, na *Urbis Olisiponis Descriptio* (1554)<sup>10</sup>, exalta a cidade de Lisboa «por ser o berço de Santo António»<sup>11</sup>. Por seu lado, António Coelho Gasco, na *Primeira Parte das Antiguidades da Muy Nobre cidade de Lisboa, Imporio do mundo, e princeza do mar oceano* – obra dedicada ao cardeal Eduardo Farnese e que permaneceu manuscrita até 1744<sup>12</sup> –, dedica a sua atenção às «antigualhas» de Lisboa e muito especialmente aos seus santos: Santo António, os mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, o cavaleiro-mártir Henrique de Bona, que morreu em combate no cerco a Lisboa, em 1147; e Santo Adrião e Natália (†c. 306), cujas relíquias se encontravam à guarda do convento de Chelas e eram objecto de veneração por parte de muitos estrangeiros, sobretudo alemães, flamengos e ingleses.

---

<sup>8</sup> Coimbra, 1597, «Diálogo Segundo», f. 71v-74v.

<sup>9</sup> Utilizámos a seguinte edição: Leão 2002.

<sup>10</sup> Utilizámos a seguinte edição: Góis 2009.

<sup>11</sup> Góis 2009: 35: «Ufana-se a cidade de Lisboa por ser o berço de Santo António, e ufana-se com razão; porque ele, com aplauso do povo fiel, foi incluído no número dos santos, e porque Deus, confirmando, com o selo dos milagres, o parecer unânime dos fiéis cristãos, fez com que se tornasse conhecido do mundo inteiro o nome de António e que a sua memória fosse engrandecida e apregoada por toda a parte e por toda a gente».

<sup>12</sup> Utilizámos a seguinte edição: Gasco 1924.

Santo António vai sendo emulado como um «santo» português que muito enobrece a cidade de Lisboa, na medida em que esta foi o seu berço, desenvolvendo uma moldura de «santidade cidadina ou urbana», que lhe permite «rivalizar» com outros santos mais antigos, como os mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, que eram os mais antigos padroeiros da capital do reino<sup>13</sup>.

Talvez seja curioso notar que Santo António não foi um dos primeiros santos a merecer atenção por parte dos hagiógrafos portugueses. De facto, se respigarmos o universo editorial português constituído por «Vidas» de santos e «Vidas» devotas, ao longo do século XVI, concluiremos que as figuras cujo alto exemplo modelar foi sendo divulgado através de textos daquela natureza foram personagens bíblicas, como São João Evangelista (Estela 1554; Mota 1585); mártires políticos, como São Tomás de Cantuária (1554); fundadores de ordens religiosas, como São Domingos de Gusmão (Estação 1520; 1525) ou São Bento (São Gregório Magno 1577); ou místicas, como Santa Catarina de Génova (1564). Entre as figuras portuguesas, mereceram destaque o infante D. Fernando (Álvares 1527; 1577) e a princesa D. Joana (Dias 1585; 1596; 1594) – para quem, por esses anos, já se pedia a beatificação –, e a rainha D. Isabel de Portugal (Macedo 1560), cujas «Vidas» celebravam a sua recente beatificação.

Não deixa de ser sintomático que em Espanha emerja, mais cedo que em Portugal, uma maior atenção pelo santo nascido em Lisboa – ainda que seja importante não desvalorizar que por esses tempos os dois territórios ibéricos viviam sob a égide de uma Monarquia dual... Disso são exemplo as obras *La vida, y milagrosos hechos del glorioso San Antonio de Padua... en verso* (Salamanca, Guillelmo Foquel, 1588) de Fr. Antonio de Santa María, *San Antonio de Padua* (Sevilha, Clemente Hidalgo, 1604)<sup>14</sup> de Mateo Alemán, *Vida y milagros de Sant Antonio de Padua* (México, 1605) de Fr. Juan Bautista. É, sobretudo, a partir do século XVII que, no palco português, se assistirá à emergência de um veio literário, de tónica hagiográfica e devota, que tende a revalorizar e a reatualizar a figura de Santo António e que se tornará mais compreensível se não perdermos de vista o contexto histórico, religioso e espiritual dos tempos pós-Trento, que, como é sabido, se revestia de complexidades de vária natureza. Lembremos que este contexto resultava e se encontrava na confluência das encruzilhadas que marcaram as reformas, acentuadas nos finais da Idade Média<sup>15</sup>, e da Reforma protestante, que fracturando a cristandade europeia, determinou irremediavelmente as clivagens entre as manifestações de práticas e de cultos. Por outro lado, não poderá, naturalmente, ser dissociado do contexto da Contrarreforma, que, gizando uma estratégia que visava o disciplinamento de todas as esferas da sociedade (Knox 1994,

<sup>13</sup> O culto dos ‘Santos Mártires’ de Lisboa conheceria um renovado zelo em finais do século XVI, graças à devoção que por ele nutria D. Ana de Lencastre, comendadeira do mosteiro de Santos-o-Novo, filha de D. Luís de Lencastre, comendador da Ordem de Avis, e de D. Madalena de Granada; era, portanto, neta de D. Jorge de Lencastre, II duque de Coimbra, e bisneta do rei D. João II. De acordo com o agostiniano Fr. Agostinho de Santa Maria 1724: 446, 453-454, D. Ana de Lencastre «era muyto devota do culto Divino, & desejava muyto que tudo se obrasse com grande perfeição, & aceyo. Ajuntou muytas reliquias, & muyto notaveis (...). Estas colocou em hũa muyto preciosa, & grande cruz de prata dourada de muyto pezo, & de singular feytio, a qual se costuma pôr na Igreja nos dias da Exaltação, & Invenção da Santa Cruz, & no dia do seu Patrão Santiago, & além desta fez outra Cruz mais pequena, aonde se vem também outras Reliquias, & hum dente do mesmo Santo Apostolo Patrão das Hespanhas com três ossos dos Santos Martyres, Verissimo, Maxima, & Julia».

<sup>14</sup> Esta obra teve várias reedições.

<sup>15</sup> Sobre a Reforma católica e os seus antecedentes, veja-se: Dias 1960; Fernandes 2000: 15-38; Carvalho, 2016.

69-99; Caffiero 1994, 265-278) – que havia já tido início com a reorganização do culto dos santos, que se traduziu na criação da Congregação dos Ritos Sacros e das Cerimónias, em 1588, e se reflectiu também no âmbito dos processos de beatificação e de canonização, na sequência dos decretos de Urbano VIII, de 1625 e 1634 (De Maio 1992, 253-274), que passou, necessariamente, por um maior controlo e vigilância em seu torno – estimulou a proliferação de «Vidas» de santos, beatos, veneráveis e varões e mulheres «ilustres em virtude», de pendor exemplar e normativo. Mas este investimento na promoção e na exaltação da santidade de Santo António inscreve-se, muito compreensivelmente, no contexto de uma estratégia que visava a construção de uma história da «santidade territorial» - para utilizarmos a feliz designação proposta por Henri Fros (Fros 1982, 729-735) –, que passava, em larga medida, pela valorização da estreita complementaridade entre história religiosa e história política, no quadro da glorificação do reino de Portugal (Fernandes 1996, 25-68; Fernandes 2002, 227-240). De facto, a necessidade de exaltar os santos do reino de Portugal e suas conquistas urgia, pois se excluirmos os santos de culto imemorial – sobretudo mártires ou virgens – da antiga Lusitânia, da Galiza Bracarense ou que remontavam ao tempo dos Godos (Alta Idade Média), Portugal contava apenas com quatro santos canonizados, a saber: São Teotónio, Santo António, Santa Isabel de Portugal, canonizada em 1625 – recordemos, porém, que a rainha era aragonesa de origem e estávamos em tempos de Monarquia dual –, e São João de Deus, canonizado, um pouco «curiosamente», em 1690. Aliás, o caso de S. António, canonizado em 1232, constitui um exemplo bastante ilustrativo da quase completa ignorância e da pouca divulgação em relação à «santidade» portuguesa, na medida em que, pelos séculos XVI e XVII, este santo era conhecido, na Europa, como sendo *de Pádua* ou *de Itália*, e não como natural *de Lisboa* ou *de Portugal*. De resto, este desconhecimento – ou, pelo menos, pouco conhecimento...- no que dizia respeito aos «santos» portugueses plasma-se nas preocupações e no labor «hagiografizante» de Lourenço Surio, com vista à redacção da sua obra *De probatis Sanctorum historiis* (1570-1576)<sup>16</sup>. Neste sentido, seria o próprio Lourenço Surio, «para obter notícias dos santos portugueses, conseguiu interessar na sua obra el-rei D. Sebastião, que em data de 5 de Agosto de 1576 escreve uma carta ao Bispo de Coimbra D. Manuel de Menezes, encarregando-o de inquirir da santidade e milagres dos servos de Deus que tinha havido neste reino» (Vasconcelos 2007, 13).

A tentativa de clarificação da nacionalidade de Santo António parece enquadrar as suas muitas «Vidas», editadas por aqueles tempos: e não deixa de ser muito sugestivo notar que, em muitos títulos, é utilizado o gentílico «de Lisboa», de modo a restituir a esta cidade e ao reino português o estatuto de pátria deste conhecidíssimo santo. A título de exemplo, lembremos que a devoção a Santo António plasmava-se na vigília da sua festa litúrgica, que era celebrada, a 12 de Junho, no arcebispado de Lisboa (Cardoso 1666, 644).

O elenco constituído pelas «Vidas» editadas em Portugal é, de resto, bastante significativo e reflecte a crescente preocupação em clarificar a pátria e a cidade-berço de Santo António, que se inscreve, naturalmente num contexto europeu e católico pautado por rivalidades várias: neste sentido, lembremos *Santo Antonio de Lisboa. Primeira e segunda parte do seu nascimento, criação, vida, morte e milagres*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1610; *ibidem*, Pedro Craesbeeck, 1620; *ibidem*, Francisco Villela,

---

<sup>16</sup> Surio 1570-1576, 6 vols., com várias edições posteriores. Veja-se Martinelli 1990: 131-141.

1680; *ibidem*, João Galvão, 1683) de Francisco Lopes; *Tratado dos milagres que pelos merecimentos do Glorioso Santo Antonio assim em vida do Santo como depois da sua morte foy Nosso Senhor servido obrar, com a vida do mesmo Santo, tradusidos, e compostos na lingua da terra corrente para serem de todos mais facilmente entendidos*, Rachol, no Colégio da Companhia de Jesus, 1655) do Padre António de Saldanha (S.J.); *Epitome de la vida, acciones y milagros de Santo Antonio, natural de Lisboa*, Madrid, por Julian de Paredes, 1647; Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira, 1658) de Fr. Miguel Pacheco (O. Cristo); *Discursos predicaveis sobre a vida, virtudes e milagres do gigante dos Menores, Hércules Portuguez, divino Athlante Santo Antonio. Primeira Parte*, Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira, 1663 e *Discursos predicaveis sobre a vida, virtudes e milagres do gigante dos Menores, Hércules Portuguez, divino Athlante Santo Antonio. Segunda Parte*, Lisboa, por Domingos Carneiro, 1669) de Jerónimo Coelho; *Segunda parte da vida de Santo Antonio, e verdadeira historia dos cinco Martyres de Marrocos*, Lisboa, Francisco Villela, 1671; *ibidem*, João Galvão, 1682; *ibidem*, Filippe de Souza Villela, 1701; *ibidem*, Antonio Pedrozo Galvão, 1701) de Francisco Lopes; *Sol nascido no Occidente e posto ao nacer do Sol. S. Antonio Portuguez: epitome historico e panegyrico da sua admiravel vida e prodigiosas acçoens*, Coimbra, por Jozé Antunes da Sylva, 1725; Lisboa, na Officina de Domingos Gonçalves, 1753) de Brás Luís de Abreu; *Epitome chrono-genealogico e critico da vida, virtudes e milagres do prodigioso portuguez S. Antonio de Lisboa*, Lisboa, por Antonio de Sousa da Silva, 1735) de José Pereira Baião; *Epitome da vida, acções e milagres do glorioso Padre S. Antonio de Lisboa* (tradução de Miguel Lopes Ferreira), Lisboa, na Oficina Ferreiriana, 1732) de Fr. Miguel Pacheco; e *Vida do glorioso Sancto Antonio de Lisboa, escripta em metro*, 1749 de António Cardoso de Vasconcellos e Meneses.

A única «excepção» - e poderá ser sintomático o facto de ter sido escrito em castelhano, em pleno período de Monarquia dual...-, no que diz respeito à revalorização da pátria de Santo António, é o *Poema mystico del glorioso Santo Antonio de Padua: contiene su vida, milagros y muerte* (Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1616) de Luís de Tovar. Configurando-se como um poema épico, este texto inscreve-se no veio da poesia hagiográfica que, como é sabido, se foi revelando em sintonia com moldura cultural e literária que enformou o Renascimento. É, justamente, neste enquadramento, calibrado por um humanismo cristão, que almeja, através de um esforço de aperfeiçoamento artístico, a criação de uma literatura em que se cruzassem os valores das letras clássicas com os valores da cultura cristã, que se enquadra a muito significativa produção de textos desta natureza, entre os quais se contam alguns de carácter épico, de que são exemplo a obra *Antoniados* de Maffeo Vegio (1437), assim como os textos de Battista Spagnoli, o *De partu Virginis*, de Jacopo Sannazaro, a *Vita dil Sanctissimo Ioanni Batista* (1445) de Francesco Filelfo, *L'Umanità del Figliuolo di Dio* (Veneza, 1533) de Teofilo Folengo, *La Vita di Giuseppe descritta in ottava rima* (Veneza, 1561) de Ludovico Dolce. Como já realçou Isabel Almeida, «numa época em que, em Portugal, a intervenção da censura inquisitorial se ia tornando cada vez mais cerrada e em que sobre as obras profanas recrudesciam suspeitas, entender-se-á» que a edição de poesia de matriz religiosa fosse, justamente, privilegiada, face à lírica profana ou até mesmo à prosa de ficção (Almeida 1998, 59). Assim se justifica – e autoriza – a muito significativa produção, ao longo do período maneirista, de poemas (épicos) hagiográficos ou de tema religioso, como este em torno da figura de Santo António.

A incúria, quase tópica, se recordarmos as palavras de Garcia de Resende, no *Cancioneiro Geral* (1516), dos portugueses em perpetuar, através da escrita (e do impresso), os seus feitos heróicos é uma das razões que, de acordo com os biógrafos e hagiógrafos, urge combater<sup>17</sup>. Tais queixas (ainda que «tópicas», como acentuámos) foram sendo reproduzidas, retomadas e «actualizadas» por vários autores do século XVII, entre os quais se contam os hagiógrafos e os biógrafos devotos coevos. Deste modo, o registo escrito das vidas, sobretudo no caso das hagiografias, surgia como uma tarefa urgente, para que a perda de memória delas não significasse a convicção da não existência, sobretudo dos santos «antigos». Neste enquadramento, as palavras de Francisco Lopes, no «Prólogo» dirigido «Ao leitor discreto», na edição de 1620 da obra *Santo Antonio de Lisboa. Primeira Parte*, poderão ser consideradas sintomáticas:

«que de contino me chamauão a seus louvores, amor da pátria, porque tiue por afronta sua não auer entre os grandes engenhos deste Reyno hum que tomasse à sua conta, celebrar grandezas tão próprias, & tão dinas de particular memoria; costume antigo nosso, & ocasião de descredito com os estrangeiros, deste trabalho tão justo, só quero, que agradeça a tenção.»

Por sua vez, Fr. Miguel Pacheco (O. Cristo), na sua *Epitome de la vida, acciones y milagros de Santo Antonio, natural de Lisboa* (Madrid, por Julian de Paredes, 1647), realça a «universalidade» de que se reveste a figura de Santo António – de resto, um dos aspectos que configurou a santidade dos tempos pós-Trento. Para além da polarizadora questão em torno dos milagres antonianos, Fr. Miguel Pacheco insiste em ligar a devoção antoniana a alguns reis portugueses: neste sentido, sublinha que D. Sancho II vestiu o hábito franciscano por devoção a S. António e por isso se chamou «Capelo», e não por ser «rei floxo» (Pacheco 1647, 57).

Também no contexto da edição de hagiografias na Europa poderemos recolher casos que atestam o largo alcance que conhece a devoção antoniana. Disso é exemplo a obra *Abregé et Sommaire de la Vie et Miracles de Saint Antoine de Padoue* (Anvers, 1648), dedicada pelos frades menores do convento de Bruxelas a Henriqueta de Lorena, princesa de Lixheim e Phalsburgo: «La devotion singuliere, que Vostre Altesse a fait paroître envers Saint Antoine de Padoue par une nouvelle table d’Autel qu’elle a fait dresser à son honneur dans nostre Eglise, nous obligeoit assez à luy en rendre des remerciements & actions de grace».

O culto a Santo António ocorre também em outros textos de natureza devocional: disso são exemplo duas obras, das quais hoje não se conhece qualquer exemplar, a saber, a *Coroa das excelencias de santo Antonio de Lisboa* (Lisboa: António Álvares, 1640) e o *Exercício de humildes para rezar o rosário e duas coroas de N. Senhora, e a coroa de Cristo com outras orações devotas, com a coroa de Santo António* (Lisboa: António Álvares, 1645), ambas da autoria de Jácome Carvalho do Canto, a que poderíamos acrescentar, já no século XVIII, *O Racional da Graça. Trezena Predicativa de S. Antonio repartida em treze discursos dos dias de sua celebridade* (Lisboa: na Officina da Musica, 1735) de Fr. Lucas de Santa Catarina.

---

<sup>17</sup> Apenas, como exemplo, as conhecidas palavras de Macedo 1631: «No le bastan a un Reyno para ser famoso heroicas virtudes de sus naturales si le faltan escritos que las publiquen, porque la memoria de aquellas con el tiêpo (como todo) se acaba,y estos hazen con que viva eternamente libre de las leyes del olvido» («Al Lector»).

No caso português, como já foi acentuado por Maria de Lurdes Correia Fernandes em diferentes trabalhos sobre o *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso, assistiu-se ao que a autora designa por crescente valorização dos «santos de Portugal e suas conquistas», no sentido da construção de uma «santidade territorial» e que pode funcionar não apenas para o contexto do Portugal «europeu», mas também para o do Portugal «além-mar», especialmente no que diz respeito à exaltação de «exemplaridades» no Oriente ou no Brasil (Santos 2008, 151-166). No caso português, a união entre a identidade política e a identidade católica acentuou-se com o tópico, sobretudo na sermonária da Restauração (Marques 1989), mas também recorrente em alguma da literatura portuguesa do século XVII, do carácter providencial da nação portuguesa, na medida em que esta fora, desde sempre, e sobretudo desde Ourique, distinguida por dons e sinais divinos de eleição (Buescu 1991, 49-69), assim como vários milagres operados por intercessão dos seus santos naturais. Neste quadro, parece inscrever-se este episódio narrado por António Veloso Lira no seu *Espelho de Lusitanos* (1ª ed.: 1643), que apresenta uma imagem de Santo António como santo protector do reino e, nesse sentido, legitimador da Restauração: no dia da aclamação de D. João IV, «trazendo o Illustrissimo Arcebispo de Lisboa diante o estandarte de JESUS crucificado por seu norte, chegando ás portas do grande Portuguez Santo Antonio, ao concurso do povo, ás vozes, e alegrias deste grão Prelado, despregando o Crucifixo o braço, assignalou, e testificou ser este o Rey, que em o Campo de Ourique em outra Cruz deste modo promettera. Mandando com a mão a S. Antonio juntamente, que sahisse, pois já tinha o dia que no Ceo tanto havia implorado, que fosse a Alentejo a buscar, e animar o Rey que o esperava, e que se deixasse ficar naquelas partes reprimindo as furias Castelhanas: pois só a Antonio convinha defender o Reyno em que nascera» (Lira 1753, 190-191).

Por outro lado, no domínio da iconografia valerá a pena chamar a atenção, como já o fez Vítor Serrão, para um conjunto de conjunto de telas, provenientes do programa decorativo da Colegiada da Oliveira, «desmanchado» com as obras da reconstrução de 1675, que devem remontar ao tempo do prior D. Diogo Lobo da Silveira e que, actualmente, se encontram à guarda do Museu Alberto Sampaio, em Guimarães. De acordo com este autor, uma destas telas, cuja autoria pertencerá provavelmente a Simão Álvares, apresenta uma imagem de Santo António zelando pelos bons sucessos de Portugal no contexto das Guerras da Restauração, coagulando, deste modo, uma representação iconográfica imbuída de uma acentuada dimensão «nacionalista»<sup>18</sup>.

O complexo contexto enformado pelas Guerras da Restauração conduzirá a que, durante o reinado de D. Afonso VI, se tenha fortalecido a devoção a Santo António, enquanto protector das forças militares. Para exortar os portugueses ao combate, D. Afonso VI teria alistado S. António no exército, como o registam as *Decimas ao Serenissimo Rey D. Affonso VI quando mandou alistar por soldado ao Glorioso Santo António de Lisboa* (1665) de Fr. Jerónimo Baía e as *Redondilhas a Santo Antonio alistarse por soldado na occasiam da Campanha do Alem-Tejo no anno de 1665* (Lisboa: na Officina de Henrique Valente de Oliveira, [1665]) de Sebastião da Fonseca e Paiva.

---

<sup>18</sup> Esse conjunto de telas representa episódios «lendários» da vida de D. Afonso Henriques: o «Batismo de D. Afonso Henriques por S. Geraldo, arcebispo de Braga», «S. Teotónio celebrando missa perante D. Afonso Henriques»; «Santo António velando pela protecção do Portugal restaurado». Cf. Serrão 1996: 124.

O contexto da batalha de Montes Claros, travada a 17 de Junho de 1665, que recaiu, justamente, no oitavário de S. António (13 e 20 de Junho), revelar-se-á não isento de implicações «patrióticas» e legitimadoras. Neste sentido, não será despidendo lembrar o *Sermão em Acção de Graças no Oitavario das festas que celebrou na cidade do Porto o Excellentissimo Senhor Conde de Miranda, Governador da mesma cidade, hoje Marquez de Arronches, na ocasião da gloriosa vitoria, que o exercito Portuguez, sendo General o Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva, alcançou em Montes Claros ao exercito Espanhol aos 17 de Junho, na Igreja da Companhia de Jesus da cidade do Porto, anno de 1665*<sup>19</sup>, pregado pelo Padre Manuel da Silva (S.J.), em que este destaca um paralelismo entre Moisés<sup>20</sup> e Santo António.

Em todo o caso, haverá que não perder de vista que a atenção que a figura de Santo António conhece, ao longo da Época Moderna, em Portugal, ultrapassa a esfera da simples devoção. É bem sabido como o investimento simbólico encetado pela nobreza, no sentido de uma exaltação das suas origens, foi, em grande parte, potenciado ao longo da Época Moderna, na medida em que esta propiciou a estas famílias (muitas delas de «origem recente») condições que conduziram à ascensão social. Na Península Ibérica, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a aristocracia, à semelhança do que vinha acontecendo na Europa, descobriu a santidade como meio de legitimação<sup>21</sup>, mostrando-se, deste modo, tributária de uma convicção, herdada da tradição clássica, segundo a qual nobreza de nascimento e nobreza de carácter estariam ligadas, e que se foi cristalizando ao longo da Idade Média, na moldura das estratégias de afirmação e legitimação de um grupo social privilegiado. É, justamente, neste quadro que parece inscrever-se o *Epitome chrono-genealogico e critico da vida, virtudes e milagres do prodigioso portuguez S. Antonio de Lisboa* (1735) do Padre José Pereira Baião, dedicada a D. Maria Ana Josefa de Almada Amaral Valente<sup>22</sup>, filha e única herdeira do tenente-coronel Domingos de Amaral Valente e de D. Leocádia Antónia de Almada. Na

---

<sup>19</sup> Incluído em *Sylva Concionatoria. Primeira Parte Panegyrica*. Tomo II. Lisboa: na Officina de Miguel Deslandes, 1699. Cf. Marques 1979: 391-416.

<sup>20</sup> Este patriarca bíblico foi também objecto de atenção mais alargada na obra de Marquez 1612.

<sup>21</sup> Veja-se Sallman 1994: 156, 158, 160; Cabibbo 1998: 37-48; Le Gall 2003: 7-33. Para o caso português, cf. Carvalho 1996: 81-161 e Santos 2005: 401-416. Neste interessante estudo, Zulmira Santos chama a atenção para o facto de ser, sintomaticamente, D. Mariana Bernarda de Távora, condessa de Atouguia, quem, através da prática da escrita das suas «memórias», se torna construtora da sua própria «santidade»: «Apresentando os Távoras como uma família modelar, do ponto de vista do valor guerreiro e do comportamento moral e espiritual, D. Mariana vincava a respectiva inocência, hostilizava um Pombal recentemente falecido, defendia os Jesuítas e atribuía à «casa», que o marquês decapitara e se notabilizara por feitos militares de excepção, uma «santa», artesã da sua própria hagiografia, pela estratégia da escrita» (p. 416).

<sup>22</sup> D. Maria Ana Josefa de Almada Amaral Valente era filha e única herdeira de Domingos do Amaral Valente, fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, tenente-coronel de um dos regimentos da Guarnição da Corte, e de sua mulher D. Leocádia de Almada. Casou com Martinho de Sousa, comendador da Ordem de Cristo, filho de José de Sousa Pereira, colegial do colégio real de S. Paulo de Coimbra, Doutor em Leis e lente de Instituta, Desembargador e Comendador da Dizima do Pescado da ilha de Porto Santo, na Ordem de Cristo, secretário da embaixada a Roma, de que foi embaixador o bispo de Lamego, D. Luís de Sousa, depois arcebispo de Braga, fidalgo da Casa Real e conselheiro da Fazenda de Capa e Espada, e de sua mulher, D. Maria Josefa de Alcáçova; s. g. (cf. Sousa 1954: 502-503). D. Leocádia de Almada era filha de António de Almada da Fonseca, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e de D. Isabel Antónia Maria Piamonte de Lemos. Era piedosamente afeiçoada a S. Vicente Ferrer, cuja escultura mandou colocar na capela de S. João Evangelista do convento do Carmo, em Lisboa (Santana 1745: 680).

«Dedicatória», o Padre José Pereira Baião acentua, por um lado, a grande devoção com que esta senhora sempre havia venerado Santo António e, por outro, o seu exercício das virtudes, mas, muito especialmente, destaca que D. Maria Ana Josefa de Almada Amaral Valente estava unida por laços de parentesco ao santo franciscano. «Por onde bem dizia eu, que este affecto ao Senhor Santo António era em V.S. também propensão do sangue; porque achando-se este em V. S. ilustrado com o parentesco, e descendencia das mais illustres Casas, e Familias deste Reyno, e do de Castella, como são a dos Condes de Villa Nova, Baroens Condes de Alvito, Condes de Alva-de Liste em Castella, e com todos os que com ellas se tem aparentado, que poderão ser quantos há naquele, e neste Reyno [...] Porèm, ainda que isto he muito; com tudo o mais realça, e sobe de ponto o lustre do sangue de V. S. he o parentesco, que tem com este glorioso Santo pelo casamento da senhora D. Dordia Martins de Bulhão (descendente de Pedro Martins de Bulhão, Irmão do mesmo Santo) com Pedro Martins Botelho, de quem descendem os desta Familia, e V. S. por esta linha o he dos antigos Reys de Leão. Por onde bem dizia eu, que este affecto ao Senhor Santo Antonio era em V. S. também propensão do sangue» (Baião 1753, «Dedicatória»).

Não cabem na dimensão deste trabalho nem a tradição teatral de Santo António – figura presente em muitos autos, muitas vezes conservando o seu nome – nem o peso que o santo teve na parenética da restauração e de todo o século XVII. Se a primeira, relativa ao teatro, tem merecido atenção e é bastante conhecida, depois de estudos já realizados (Santos 2004), a segunda mereceria uma investigação mais profunda, particularmente pelo que diz respeito ao Padre António Vieira, pesem embora os trabalhos marcantes de João Francisco Marques (1989). Valerá a pena lembrar que Vieira dedicou ao santo nove sermões, merecedores de uma atenção que os considere como um *corpus* específico, analisando em pormenor as diferentes temáticas, desde a «libertação» do jugo holandês, *Sermão de Santo António. Pregado na Igreja e dia do mesmo Santo, havendo os Holandeses levantado o sítio que tinham posto à Baía, assentando os seus Quartéis e baterias em frente da mesma igreja* (1638), cronologicamente o primeiro a ser pregado, até à reflexão, de natureza biográfica, que prossegue na senda da homologia entre o santo e o pregador, tão clara na reflexão sobre as dificuldades de missionação no Maranhão, presente no famoso «*Sermão de Santo António. Pregado na cidade de São Luís do Maranhão, no Ano de 1654* (1654)». Dos nove sermões em causa, um foi pregado na Bahia (1638) e outro em Lisboa (1642), quatro no Maranhão (1653, 1654, 1656, 1657) e três em Roma, embora se pense que o publicado na *Parte Duodécima dos Sermões* (1699) não terá chegado a ser pregado. Apesar das importantes reflexões elaboradas por alguns estudos, valerá a pena atentar nas diferentes formas como Vieira «vê» Santo António no contexto da missão salvífica dos portugueses e nas diferentes dimensões constituintes do Quinto Império (Galli 2003; Freire 2017, 189-210).

Como conclusão do peso da tradição antoniana, recordemos que a devoção a Santo António não escapa ao olhar crítico e acutilante dos viajantes estrangeiros, sobretudo daqueles cuja origem remonta a países reformados, que «estranham» e olham com ironia a devoção a santos e respectivo poder taumatúrgico... Na *Relação do Reino de Portugal* (1701) de Thomas Cox, com aditamentos de Cox Macro, conta-se que em casa do Sr. Fremantle «existe uma pequena Imagem numa Parede a que chamam Santo Antoninho ou pequeno Santo António. Quando perdem qualquer coisa, vão oferecer un

vintém a esta Imagem. A Imagem só recebe vinténs, mas, no fim do ano, isto dá uma bela maquia» (Cox 2007, 214).

Poderíamos continuar a evocar variadíssimos outros exemplos que comprovam a perenidade da devoção a Santo António. Mas os testemunhos que neste estudo foram revisitados bastarão para lembrar e sublinhar a importância de se perspectivar o estudo de devoções e tradições hagiográficas através do recurso a múltiplas fontes e tipologias literárias, de molde a compreender como alimentaram – e continuam a alimentar – práticas espirituais que configuram o imaginário cristão.

**Obras citadas**

- Aigrain, René. *L'hagiographie. Ses sources, ses methods, son histoire* (reproduction inchangée de l'édition originale de 1953). Bruxelles: Société des Bollandistes, 2000.
- Almeida, Isabel. *Poesia Maneirista*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1998.
- Álvares, Fr. João (O. Avis). *Chronica do santo e virtuoso Infante D. Fernando filho delrey D. João I*. Lisboa: Germão Galharde, 1527.
- . *Chronica dos feitos, vida e morte do Infante Santo D. Fernando* (emendada e corrigida por Fr. Jerónimo Ramos, O.P.). Lisboa: por Antonio Ribeiro, 1577.
- Azevedo, D. Carlos A. Moreira. "Variantes iconográficas nas representações antonianas". *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Vol. 27, II série (2010): 41-55.
- Baião, Pe. José Pereira. *Epitome chrono-genealogico e critico da vida, virtudes e milagres do prodigioso portuguez S. Antonio de Lisboa*. Lisboa: por Antonio de Sousa da Silva, 1735.
- Barbero, Alessandro. *Un santo in famiglia. Vocazione religiosa e resistenze sociali nell'agiografia latina medievale*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1991.
- Barcellona, Francesco Scorza. "Dal Modello ai modelli". In Giulia Barone, Marina Caffiero, Francesco Scorza Barcellona eds. *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1994. 9-18.
- Boureau, Alain. *L'événement sans fin. Récit et christianisme au Moyen Âge*. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- Boyer, Régis. "An attempt to define the typology of medieval hagiography". In *Hagiography and Medieval Literature. A Symposium*. Odense University Press, 1981. 27-36.
- Buescu, Ana Isabel. "Um mito das origens da nacionalidade: o milagre de Ourique". In Diogo Ramada Curto, Francisco Bettencourt eds. *A Memória da Nação*. Lisboa: Sá da Costa, 1991. 49-69.
- Cabibbo, Sara. "Una santa en familia. Modelos de santidade y experiencias de vida (Italia, siglos XVII-XIX)". *Studia storica. Historia Moderna*, nº 19. Ediciones Universidad de Salamanca (1998): 37-48.
- Caeiro, Francisco da Gama. "Fontes portuguesas da formação cultural do Santo". *Itinerarium*, 27 (1981). 3-29.
- . *Santo António de Lisboa*. Vol. I: *Introdução ao Estudo da obra antoniana*. Lisboa: IN-CM, 1995.
- . "Fontes portuguesas da formação cultural do santo". In *Santo António de Lisboa*, II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.
- Caffiero, Marina. "Tra modelli di disciplinamento e autonomia suggestiva". In Giulia Barone, Marina Caffiero; Francesco Scorza Barcellona eds. *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1994. 265-278.
- Cardoso, Jorge. *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens ilustres (...). Tomo III*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1666.

- Carvalho, José Adriano de Freitas. "«Vida e Mercês que Deus fez ao venerável D. Leão de Noronha»: do santo de corte ao santo de família na Época Moderna em Portugal". *Via Spiritus*, 3 (1996): 81-161.
- . *Antes de Lutero: a Igreja e as reformas religiosas em Portugal no século XV. Anseios e limites*. Porto: CITCEM/Afrontamento, 2016.
- Cavallotto, Stefano. *Santi nella Riforma. Da Erasmo a Lutero*. Roma: Viella, 2009.
- Coelho, Maria Helena da Cruz. "Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra". Separata do I volume das *Actas do Congresso Internacional «Pensamento e Testemunho»*. 8ª Centenário do Nascimento de Santo António. Braga, 1996. 179-205.
- Costa, António Domingues de Sousa. *S. Antonio Canonico Regolare di S. Agostino e la sua vocazione franciscana. Rilievi storico-storiografici*. Braga, Editorial Franciscana, 1982.
- Cox, Thomas; Macro, Cox. *Relação do Reino de Portugal (1701)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.
- De Maio, Romeo. "L'ideale eroico nei processi di canonizzazione della controriforma". In *Riforme e miti nella chiesa del Cinquecento*. Napoli: Guida Editori, 1992. 253-274.
- Dias, José Sebastião da Silva. *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. Tomo I. Universidade de Coimbra, 1960.
- Dias, Fr. Nicolau (O.P.). *Vida da serenissima princesa D. Joana, filha del-rei D. Afonso V de Portugal*. Lisboa: por António Ribeiro, 1585; Lisboa: por António Álvares, 1586; Lisboa: por António Álvares, 1594.
- Dubois, Jacques; Lemaitre, Jean-Loup. *Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale*. Paris: Éd. du Cerf, 1993.
- Estação, Fr. Manuel (O.P.). *Vida (começa-se a) de nosso padre S. Domingos* (tradução de Diogo de Lemos, O.P.). Lisboa: Germão Galharde, 1520.
- . *O livro da vida do glorioso padre S. Domingos* (tradução de Diogo de Lemos, O.P.). Lisboa: Germão Galharde, 1525.
- Estela, Fr. Diogo (O.F.M.). *Tratado de la vida, loores y excelencias del bienaventurado Evangelista S. Juan*. Lisboa: por Germão Galharde, 1554.
- Fernandes, Maria de Lurdes Correia. "Da reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade". In Carlos Moreira de Azevedo dir. *História Religiosa de Portugal*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. 15-38.
- . "História, santidade e identidade. O *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e o seu contexto". *Via Spiritus*, 3 (1996): 25-68.
- . "O *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso (†1669): hagiografia, memória, história e devoção na Época Moderna em Portugal". In Sofia Boesch Gajano, Raimondo Michetti eds. *Europa Sacra. Raccolte agiografiche e identità politiche in Europa tra Medioevo ed Età Moderna*. Roma: Carocci Editore, 2002. 227-240.
- Franco, José Eduardo. "Século XVI". In José Eduardo Franco; Pedro Calafate coord. *A Europa segundo Portugal. Ideias de Europa na cultura portuguesa, século a século*. Lisboa: Gradiva, 2012. 37-65.
- Freire, António Abreu. *Os Jesuítas e a Divulgação Científica nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: CLEPUL, 2017.

- Fros, Henri. “Culte des saints et sentiment national. Quelques aspects du problème”. *Analecta Bollandiana*, t. 100 – *Mélanges offerts à Baudoin de Gaiffier et François Halkin*. Bruxelles (1982): 729-735.
- Gaiffier, Baudoin de. “Le Bréviaire d’Évora de 1548 et l’hagiographie ibérique”. *Analecta Bollandiana*, 60 (1942): 131-138.
- Gajano, Sofia Boesch. “La raccolta di vite di santi di Luigi Lippomano. Storia, struttura, finalità di una costruzione agiografica”. In Sofia Boesch Gajano ed. *Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruzioni*. Fasano di Brindisi: Schena Editore, 1990. 111-130.
- Galli, Maria Lúcia Peccioli. *Santo António por Vieira*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas- Universidade Federal de Campinas, 2003. Disponível em <repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281522/1/Galli\_MariaLuciaPeccioliM.pdf>.
- Gasco, António Coelho. *Primeira Parte das Antiguidades da muy nobre cidade de Lisboa, emporio do mundo, e princeza do mar oceano*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924 (Inéditos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; 11).
- Góis, Damião de. *Descrição da Cidade de Lisboa*. Tradução de Raul Machado. Lisboa: Frenesi, 2009.
- Gordini, Gian Domenico. “L’opera dei bollandisti e la loro metodologia”. In *Santità e agiografia*. Genova: Casa Editrice Marietti, 1991. 49-73.
- Historia da vida e martyrio de Santo Thomaz Arcebispo de Cantuária* (tradução de Diogo Afonso. Coimbra: por João Alvares, 1554.
- Kerval, Léon de. “Préface”. In Léon de Kerval. *Sancti Antonii de Padua. Vitae Duae quarum altera hucusque inedita*. Paris: Librairie Fischbacher, 1904.
- . *L’évolution et le développement du merveilleux dans les legendes de Saint Antoine de Padoue*. Paris/Valence: Librairie Fischbacher-Imprimerie A. Ducros, 1906.
- Knox, Dilwyn. “”Disciplina”: le origini monastiche e clerical del buon comportamento nell’Europa cattolica del Cinquecento e del primo Seicento”. in Paolo Prodi (a cura di). *Disciplina dell’anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra medioevo ed età moderna*. Bologna: Società editrice Il Mulino, 1994. 69-99.
- Krus, Luís. “Celeiro e relíquias: o culto quatrocentista dos Mártires de Marrocos e a devoção dos nus”. *Estudos Contemporâneos*, 6. Porto: Ministério da Cultura, 1984: 21-42.
- Le Gall, Jean-Marie. “Vieux saint et grande noblesse à l’époque moderne: Saint Denis, les Montmorency et les Guise”. *Revue d’Histoire Moderne et Contemporaine*, 50-3 (juillet-septembre 2003): 7-33.
- Leão, Duarte Nunes do. *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras/Centro de História, 2002.
- Lira, António Veloso. *Espelho de Lusitanos em o cristal do Psalmo quarenta e três*. Lisboa: na Officina de Domingos Rodrigues, 1753.
- Lisboa, Fr. Marcos de. *Primeira parte das Chronicas da Ordem dos Frades Menores do Seraphico Padre Sam Francisco (...)*. Lisboa: em casa de Joannes Blauio de Colonia, 1557.

- Liuro da vida admiravel da bẽauenturada Catherina de Genoa & de sctã doctrina. Traduzido de italiano em romãce portugues por o doctor Helias de Lemos.* Lisboa: em casa de João de Barreira, 1564.
- Lopes, Fernando Félix. *S. António de Lisboa. Doutor Evangélico.* 4ª ed. Braga: Ed. Franciscana, 1984.
- Macedo, António de Sousa de. *Flores de España, excelencias de Portugal. Em que brevemente se trata lo mejor de sus historias, y se descubren muchas cosas nuevas deprouecho, y curiosidad. Primera parte.* Lisboa: por Jorge Rodrigues, 1631.
- Macedo, Diogo Afonso de. *Vida e milagres de Santa Izabel Rainha de Portugal.* Coimbra: por João de Barreira, 1560.
- Mariz, Pedro de. *Dialogos de varia historia.* Coimbra: na Officina de António de Mariz, 1597.
- Marques, Bernardino Fernando da Costa. “Santo António de Lisboa na ‘Summa Sermonum’ de frei Paio de Coimbra, O.P.”. *Mediaevalia. Textos e Estudos*, 11-12 (1997): 183-210.
- Marques, João Francisco. “A problemática da parenética da Restauração: um sermão no Porto comemorativo da batalha de Montes Claros”. *Revista de História*, vol. II (1979): 391-416.
- . *A parenética portuguesa e a Restauração.* Porto: INIC, 1989, 2 vols.
- Marquez, Fr. Juan (O.S.A.). *El Governador christiano deducido de las vidas de Moysen, y Iosue, Principes del Pueblo de Dios.* Salamanca: Francisco de Cea Tesa, 1612.
- Martinelli, Serena Spanò. “Cultura umanistica, polemica antiprottestante, erudizione sacra nel *De probatis Sanctorum historiis* de Lorenzo Surio” In Sofia Boesch Gajano ed. *Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruizioni.* Fasano de Brindisi: Schena Editore, 1990. 445-464.
- Meirinhos, José Francisco. “S. António de Lisboa, escritor. A tradição dos Sermones: manuscritos, edições e textos espúrios”. *Mediaevalia. Textos e Estudos*, 11-12 (1997): 139-182.
- Mendonça, Manuela. “Portugal na *Christiana Respublica*”. In Nair de Nazaré Castro Soares, Santiago López Moreda coord. *Génesis e Consolidação da Ideia de Europa.* Vol. IV (*Idade Média e Renascimento*). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. 61-82.
- Mota, João Vaz. *Encomium in sanctum Ioanem apostulum.* Roma: I. Martinellum, 1585.
- Nascimento, Aires A. do. “Paio de Coimbra, Fr.”. In *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa.* Lisboa: 2003. 504-506.
- Pacheco, Maria Cândida da Costa Reis Monteiro. *Santo António de Lisboa. A Águia e a Treva.* Lisboa: IN-CM, 1986.
- . “Antonius Lusitanus: le radici di una nuova pastorale”. *Il Santo. Rivista Francescana di storia, dottrina, arte*, 36, fasc. 1-2 (1996): 173-186.
- . *Santo António de Lisboa. Da Ciência da Escritura ao Livro da Natureza.* Lisboa: IN-CM, 1997. 11-68.
- Pacheco, Fr. Miguel (O. Cristo). *Epitome de la vida, acciones y milagros de Santo Antonio, natural de Lisboa.* Madrid: por Julian de Paredes, 1647.

- Rosa, Maria de Lurdes. “Hagiografia e Santidade”. In Carlos Moreira de Azevedo coord. *Dicionário de história religiosa de Portugal*, vol. C-I. Lisboa, Círculo de Leitores, 2000. 326-361.
- Sallman, Jean-Michel. *Naples et ses saints à l'âge baroque (1540-1750)*. Paris: PUF, 1994.
- Santa Maria, Fr. Agostinho de (E.S.A.) *Historia tripartita comprehendida em três tratados. No primeiro de descrevem as vidas, & os gloriosos triumphos dos Santos Martyres, Verissimo, Maxima, & Julia, suas Irmãs Padroeyros de Lisboa, & do Real Mosteyro de Santos. No segundo se dà noticia da vinda, & Prêgação do Apostolo Santiago às Hespanhas, & do principio, & origem da sua esclarecida Ordem, & de seus nobilísimos Mestres até a sua separação, & eleyção dos Mestres Portuguezes. No terceyro se descrevem os princípios do Real Convento de Santos, & a noticia de suas Illustres Comendadeyras, desde o ano de 1212 até os nossos tempos*. Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1724.
- Santana, Fr. José Pereira de (O.C.). *Chronica dos Carmelitas, da antiga e regular observância nestes Reynos de Portugal, Algarves e seus domínios*. Tomo I. Lisboa: na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1745.
- Santos, Isabel Maria Dâmaso de Azevedo Vaz dos. *Do altar ao palco: Santo António na tradição literária, artística e teatral em Portugal e em Espanha*. Lisboa, FLUL, 2014. Tese de Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura.
- Santos, Zulmira C.. “Entre Malagrida e Pombal: as «Memórias» da última Condessa de Atouguia”. *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 2 (2005): 401-416.
- . “A literatura “hagiográfica” no Brasil do tempo do P.<sup>o</sup> António Vieira: da *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo* (1663) às biografias devotas de Simão de Vasconcellos”. *Românica*, 17 (2008): 151-166.
- . “A produção historiográfica portuguesa sobre a história religiosa na Época Moderna: questões e perspectivas”. *Lusitania Sacra*, 2<sup>a</sup> série, 21, (2009): 249-261.
- São Gregório Magno. *Vida do mui glorioso abbade S. Bento, scripta per o sanctissimo Papa Gregorio no segundo livro dos seus Dialogos. Com a vida e milagres de Santo Amaro discípulo do P. S. Bento* (tradução e recopilação de Francisco Ibañez, O.S.B.). Lisboa: António Ribeiro, 1577.
- Serrão, Vítor. As oficinas de Guimarães nos séculos XVI-XVII e as colecções de pintura do Museu Alberto Sampaio. *A Colecção de pintura do Museu Alberto Sampaio (séculos XVI-XVIII)*, Lisboa, Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus, 1996, p. 124.
- Silva, Ana Cristina Nogueira da; Hespanha, António Manuel. “A identidade portuguesa”. In José Mattoso dir. *História de Portugal*, vol. IV: *O Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. 18-37.
- Sobral, Cristina. “O *Flos Sanctorum* de 1513 e suas adições portuguesas”. *Lusitania Sacra*, 2<sup>a</sup> série, 13-14 (2001-2002): 531-568.
- . “O modelo discursivo hagiográfico”. In *Modelo. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa de Literatura Hispânica de Literatura Medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. 97-197.

- . “Hagiografia em Portugal: Balanço e Perspectivas”. *Revista Medievalista online*, ano 3, nº3 (2007): 1-18.
- Sousa, D. António Caetano de. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Tomo XI, Coimbra: Atlântida, 1954.
- Surius, Laurentius. *De probatis sanctorum historiis*. Coloniae: apud Gervinum Calenium et haeredes Quentelios, 1570-1576, 6 vols.
- Uytfanghe, Marc Van. “Modèles bibliques dans l’hagiographie”. In *Le Moyen Âge et la Bible*. Paris: Ed. Beauchesne, 1984. 449-488.
- Vasconcelos, António de. *Rainha Santa Isabel*. 2ª volume: *Culto depois da canonização*. Coimbra: Alma Azul, 2007.
- Vauchez, André. *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge. D’après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. École Française de Rome, 1988.
- . “Saints admirables et saints imitables: les fonctions de l’hagiographie ont-elles changé aux derniers siècles du Moyen Âge?”. In *Les fonctions des saints dans le monde occidental*. École Française de Rome, 1991. 161-172.
- Vita Prima o «Assidua»* (introduzione, testo critico, versione italiana e note a cura di Vergilio Gamboso). Padova: Edizioni Messaggero, 1981.